

RUDOLF ROCKER

A TRAGÉDIA DA ESPANHA

NOTAS SOBRE A
GUERRA CIVIL (1936-39)

Tradução:
Felipe Arruda
Klaus Filus Weber
Raphael Semchechen N.
Roberta Semchechen
Rodrigo Ponce

(L.DOPÄ)
PUBLICAÇÕES

APRESENTAÇÃO

RUDOLF ROCKER:

Anarco-Sindicalismo e Revolução Espanhola

Felipe Corrêa

A publicação no Brasil de *A Tragédia da Espanha*, de Rudolf Rocker, chega em boa hora, e pode ser considerada como mais um ato de comemoração do septuagésimo aniversário da Revolução Espanhola. Muito comentado e analisado entre os anarquistas, mas de pouco conhecimento do público em geral, este acontecimento está entre os mais belos exemplos da história de resistência de um povo contra a exploração e a opressão. Além disso, traz em seu seio provas concretas de que a autogestão econômica – a gestão feita sem hierarquia e diretamente democrática – é possível, e que há um outro caminho, diferente das relações capitalistas de produção, para o rumo do mundo de hoje.

Voltando à Espanha de 1936, encontramos um movimento anarco-sindicalista muito forte – claramente inspirado nas tradições de Mikhail Bakunin, Giuseppe Fanelli e na Confédération Générale du Travail (C.G.T.) francesa dos primeiros anos do século XX –, levantando as bandeiras da ação direta e da sabotagem como principais meios de luta. Francisco Ferrer e Ricardo Mella também tiveram grande influência neste movimento, por razão da criação das escolas racionalistas, ainda em 1901. As escolas modernas, como foram chamadas, propunham uma

educação libertária, na contramão da educação idealizada pelo Estado e pela Igreja, e estimulava o pensamento crítico, a solidariedade e a liberdade. Ferrer teve um reconhecimento ímpar e uma importância capital no campo da educação do povo espanhol. A defesa radical dos princípios do sindicalismo revolucionário, não tão conhecida em sua história, também traz elementos centrais na conscientização dos trabalhadores. Em 1901, Ferrer funda o jornal *La Huelga General*, com o objetivo de fazer propaganda política e revolucionária para os trabalhadores. Em um de seus artigos escritos para o jornal, com o título de “Deus ou o Estado: não. A greve geral: sim.”, ele enfatiza:

É fácil compreender que, se o tempo empregado nas lutas eleitorais pelos socialistas tivesse sido consagrado à organização das classes produtoras e à propaganda educativa, a greve geral teria, há muito tempo, destruído a sociedade burguesa. Cabe a nós, anarquistas, fazer compreender essas verdades a todos os inconscientes que crêem na panacéia do voto como se fosse a hóstia que deve levá-los ao paraíso. A emancipação completa dos trabalhadores não virá nem da Igreja nem do Estado, mas da greve geral que destruirá ambos.

Nesse periódico, colaborava também Anselmo Lorenzo, um personagem que merece destaque no anarquismo espanhol por seu trabalho de difusão das idéias libertárias.

A criação da *Confederación Nacional del Trabajo* (C.N.T.) espanhola, em 1910, unifica a luta dos trabalhadores do país, estimulando a solidariedade e o sindicalismo combativo, in-

dependentemente de credos ou do grau de instrução. Além disso, a C.N.T., diferentemente dos sindicatos de hoje, estimulava uma militância de base, fugindo das organizações hierárquicas e assalariadas que constituem verdadeiras burocracias administrativas. Inspirada abertamente nas tradições de Proudhon e Bakunin, a C.N.T. defende o comunismo libertário: uma sociedade organizada de baixo para cima e pelos princípios do federalismo, tanto no âmbito sindical (para as questões voltadas ao trabalho) quanto no âmbito comunal (para as questões que dizem respeito ao bairro, às localidades).

A C.N.T. teve, juntamente com outras organizações e com toda a tradição anarquista dos anos anteriores, um importante papel na mudança cultural dos operários e camponeses. Estes sofreram, durante anos, as duras explorações da aristocracia e do catolicismo, que além de dominarem todo o funcionamento da sociedade espanhola, colocavam em todos os cargos administrativos seus familiares e amigos. Essa Espanha, que havia criado um ambiente para a submissão, com privilégios para os exploradores e sofrimento para os explorados, vivia as consequências de uma organização libertária que estimulava no povo a indignação, os sentimentos de justiça, vingança, e o espírito da revolta transformadora, que trazia junto de si a esperança de uma nova vida.

O comunismo libertário acabou por influenciar uma parcela significativa dos espanhóis e espanholas. Foi quando, em julho de 1936, após ser derrotada nas eleições, a extrema direita articula um golpe militar. A Espanha entra então em

guerra civil, pois o povo se levanta, respondendo ao levante da direita. A partir de então, uma série de coletivizações toma lugar: ferrovias, transportes urbanos, eletricidade, controle e distribuição de alimentos e roupas, agências marítimas e a indústria metalúrgica, que passa a fabricar armas e material de apoio às milícias. A educação racionalista certamente tem responsabilidade sobre as coletivizações. Segundo Frank Mintz, um dos maiores historiadores sobre o tema: “em alguns dias, 70% das empresas industriais e comerciais da Catalunha, que concentrava os dois terços da indústria do país, foram coletivizadas”. Apareceram coletividades autogestionárias em diferentes cidades, vilarejos e regiões. Outras organizações tiveram papel relevante dentro da Revolução: a Federación Anarquista Ibérica (F.A.I.), que atuava, em grande medida, dentro da C.N.T., o Partido Obrero de Unificación Marxista (P.O.U.M.), a Unión General de Trabajadores (U.G.T.). Houve também participação significativa de mulheres que lutaram no front, ao lado dos homens, colocando na ordem do dia uma discussão de gênero, bastante avançada para a época.

Constituíram o pano de fundo da derrocada da Revolução a morte de importantes militantes anarquistas, como Francisco Ascaso e Buenaventura Durruti, a dificuldade de lidar com o contexto da guerra civil, o “compartilhamento do poder” feito pela C.N.T. e o aparecimento de comunistas autoritários, bem armados pelo governo de Stálin. Foi assim que, já a partir de 1937, as dificuldades aumentaram, terminando com o desmoronamento completo da Revolução em 1939, representado amargamente pela ascensão

ao poder do ditador Francisco Franco.

Ao analisar os acontecimentos da Revolução Espanhola em seu livro *Anarco-Sindicalismo*, escrito antes do fim da Revolução, Rocker diria que o anarco-sindicalismo, muito bem representado pela C.N.T., teria duas missões. Uma, de curto prazo, que visava trazer bem-estar aos trabalhadores, na conquista de melhores salários e melhores condições de trabalho. Isso fazia do sindicato, antes de tudo, um órgão de defesa dos trabalhadores. A outra, de longo prazo, que estimulava um norte, um rumo para as ações de curto prazo. Esse norte, que é o comunismo libertário, era compreendido como o fim desejado, e nessa perspectiva, o sindicato constituía também a construção imediata de um porvir de uma nova ordem social. Essa foi a análise de que Noam Chomsky mais tarde se apropriou e que defende até hoje com muita ênfase, ao reivindicar a política pré-figurativa existente no movimento anarco-sindicalista e, principalmente, nos escritos de Rocker.

* * *

Rudolf Rocker nasceu em 25 de março de 1873 em Mainz na Alemanha, numa família de trabalhadores católicos e liberais. Seu pai morreu quando ele ainda tinha cinco anos, e sua mãe, quando ele tinha onze. Rocker foi então para um orfanato, sofrendo por lá maus tratos e tentando fugir algumas vezes.

Tomou contato com os livros ainda jovem, pois foi um aprendiz de encadernador, o que lhe permitiu conhecer diferentes temas, ampliando radicalmente seus conhecimentos. Converteu-se ao socialismo ainda na juventude,

entrando para o Partido Social Democrata e atuando na oposição jovem de esquerda Die Jungen [A Juventude], sendo expulso em 1890 e convertendo-se pouco depois ao anarquismo, graças à grande influência do texto “Aos Jovens” do russo Piotr Kropotkin, lido no periódico Freiheit [Liberdade], que era editado por Johann Most. Começa a contribuir com a imprensa libertária em 1892 e logo em seguida tem de deixar a Alemanha, procurado pela polícia, devido à perseguição política da qual era vítima.

Passa algum tempo em Paris, onde tem a oportunidade de conhecer Élisée Reclus, e lá é o lugar em que Rocker tem maior contato com as idéias sindicalistas. Em 1894, perseguido pela polícia francesa, vai a Londres, que na época funcionava como a “capital” europeia do exílio político, e lá se estabelece de maneira permanente.

Com a mudança para a Inglaterra, toma contato com as áreas pobres londrinas e testemunha “um abismo de sofrimento humano”, o que aumenta sua motivação para a luta pelos direitos trabalhistas. Em 1895 traduz o clássico Palavras de um Revoltado, de Kropotkin, para o alemão.

Apesar de Rocker não ser judeu, toma contato com o movimento anarquista judeu, envolvendo-se com ele, aprendendo ídiche, vivendo junto à comunidade judaica e, depois de algum tempo, adquirindo grande destaque em meio ao movimento e à comunidade. Rocker acabaria imerso em meio ao movimento anarquista judeu por seus próximos 20 anos. Esse crescia rapidamente e superava, cada vez mais, o movimento inglês em tamanho e potência.

Em 1896 conhece Milly Witcop, uma

anarquista ucraniana que vivia exilada em Londres e que militava no movimento judeu, junto ao movimento operário local. Ela será sua companheira até falecer.

Rocker torna-se um grande orador e destaca-se também por seus grandes escritos, que tratam de temas culturais e políticos. Participa ativamente da imprensa do movimento anarquista e edita, em 1898, *Das Fraye Vort* [A Palavra Livre], um jornal semanal.

Contribui a partir de 1900 com o periódico mensal *Germinal*, também do movimento judeu. Já em 1903, Rocker torna-se editor de *Der Arbeiterfreund* [O Amigo do Trabalhador], já nessa época o órgão de difusão da *Federation of Yiddish-Speaking Anarchist Groups in Great Britain and Paris* [Federação dos Grupos Anarquistas de Língua Iídiche no Reino Unido e em Paris]. Dessa forma, por impossibilidade de continuar com a publicação de dois jornais, as atividades do *Germinal* são interrompidas até 1905, quando um outro grupo assume suas atividades, nomeando Rocker seu editor.

Rocker luta constantemente junto com outros militantes pelo fortalecimento dos sindicatos judeus e, em 1906, auxilia na organização da grande greve dos alfaiates de East End, tomando um papel bastante ativo nos piquetes, dormindo com os operários e explicando a eles o significado da greve geral, um conceito central na concepção revolucionária do sindicalismo. Também tem destaque durante a greve ocorrida em 1912.

A formação da *Föderation jüdischer Anarchisten* [Federação dos Anarquistas Judeus], em 1902, acelera o ritmo da atuação de Rocker e,

graças ao destaque e à legitimidade obtidos nos próximos anos, será o delegado da federação no famoso Congresso Anarquista de Amsterdã de 1907, bastante marcado posteriormente pelo debate sobre sindicalismo e anarquismo ocorrido entre Errico Malatesta e Pierre Monatte, entre outros importantes temas. A partir de então, torna-se membro do International Anarchist Bureau junto com Malatesta, Alexandre Shapiro e Jean Willquet.

Importante ressaltar o relevante papel dos anarquistas judeus no desenvolvimento do movimento sindical, forjando-lhe um caráter libertário, a partir das premissas estabelecidas pelo anarco-sindicalismo. Como Rocker definiria mais à frente em seu livro *Anarco-Sindicalismo*: A organização do anarco-sindicalismo é baseada nos princípios do federalismo, na livre combinação de baixo para cima, colocando o direito de autodeterminação de todo membro sobre qualquer outra coisa e reconhecendo apenas o acordo orgânico de todos, fundamentado nos interesses semelhantes e convicções comuns.

Em 1909, durante uma manifestação do Primeiro de Maio em Londres, Rocker conhece Francisco Ferrer. Foi também durante seus anos em Londres que ele entrou em contato com Emma Goldman, Voltairine de Cleyre, William Morris, Louise Michel, Pietro Gori e Kropotkin.

A Primeira Guerra Mundial, de 1914, traria polêmicas ao movimento anarquista de então. Kropotkin, justificando que o imperialismo alemão seria o mais nocivo, em comparação aos outros existentes, pronuncia-se em favor dos Aliados. Diferentemente, Rocker toma uma posi-

ção de opor-se radicalmente a ambos no conflito, o que acabou rendendo-lhe uma prisão, por ser acusado de ser um inimigo estrangeiro. A posição da social-democracia alemã, de renegar o internacionalismo revolucionário, tornou as coisas ainda mais complicadas. O nacionalismo acabou prevalecendo e os trabalhadores alemães engrossaram as fileiras do exército com o objetivo de matar trabalhadores franceses. Essa foi uma das motivações que levaria Rocker a refletir e escrever sobre um tema que teve papel preponderante em sua obra: o nacionalismo.

Algum tempo depois foram fechados *Der Arbeiterfreund* e o clube da Jubilee Street, aberto desde 1906. Depois disso, o movimento nunca mais foi o mesmo e acabou perdendo aos poucos sua força. Rocker é deportado da Inglaterra para a Holanda, em 1918, e depois de algum tempo, retorna à Alemanha. Devido à grande experiência adquirida em meio à militância na Inglaterra, Rocker destaca-se no seio do movimento alemão e ganha ainda mais reconhecimento na sua função de representante internacional do anarco-sindicalismo.

Em 1919, sob grande influência de Rocker, organiza-se em Berlim o congresso de fundação da *Freien Arbeiter Union Deutschland* [Sindicato dos Trabalhadores Livres da Alemanha] (F.A.U.D.), que acabou constituindo-se como um sindicato operário livre, definindo-se anarco-sindicalista e opondo-se ao Estado e ao parlamentarismo. Naqueles anos, a F.A.U.D. tinha em torno de 125 mil membros. Além disso, Rocker também foi membro da *Freien Vereinigung deutscher Gewerkschaften* [Associação

Livre dos Sindicatos Alemães] (F.V.D.G.), junto com Arthur Lehning e Augustin Souchy, sendo responsável pela edição de seu jornal, *Der Syndikalist* [O Sindicalista].

Com a chegada em 1921 dos anarquistas Volin, Maximoff e outros, expulsos da União Soviética, estes acabaram por dar as notícias do que acontecia na Rússia após a revolução de 1917 e alertaram para o regime de terror constituído pelos bolcheviques. Isso motivou Rocker a escrever sobre o tema, denunciando o totalitarismo colocado em prática pelos comunistas autoritários.

Participou do Congresso Internacional de Berlim que, em 1922, constituiu formalmente a Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), chamada de Internacional Anarco-Sindicalista. Além de ser um grande idealizador da Internacional, Rocker assume uma das secretarias, dividindo espaço com Augustin Souchy e Alexander Schapiro. A Internacional Anarco-Sindicalista era um espaço de articulação de sindicatos anarco-sindicalistas de 12 países. Estavam dentro dela a *Federación Obrera Regional Argentina* [Federação Operária Regional Argentina] (F.O.R.A.), a *Unione Sindicale Italiana* [União Sindical Italiana] (U.S.I.), a *Sveriges Arbetares Central-organisation* [Organização Central dos Trabalhadores Suecos] (S.A.C.), a *F.A.U.D.*, a *C.N.T.*, dentre outras, e constituíam uma organização de alguns milhões de membros. Além disso, a A.I.T. opunha-se à Internacional Sindical Vermelha, braço sindical do Comintern.

Em 1929, Rocker é convidado para uma série de conferências e reuniões pela S.A.C. e, em 1931 vai como delegado para o 4º Congresso da

A.I.T. em Madri. Em 1933 é obrigado a fugir da Alemanha por razão da perseguição nazista, indo para os Estados Unidos. Saiu no último trem que escapou do controle nazista, levando consigo os manuscritos do que viria a ser o livro *Nacionalismo e Cultura*. Nos Estados Unidos, Rocker dedicou-se às atividades de militância, combatendo o fascismo e o comunismo bolchevista. Aproveitou para dedicar-se aos escritos e às conferências sobre temas libertários. Lá, viajou de costa a costa divulgando a causa libertária, contribuiu com diversos artigos para a imprensa libertária e produziu uma série de livros considerados “uma contribuição permanente para a filosofia e a história anarquistas”, nas palavras do historiador anarquista Paul Avrich.

Em 1937, Rocker estabeleceu-se na Colônia Mohegan, no condado de Westchester em Nova York. Ainda que não tenha participado ativamente da vida administrativa ou social da comunidade, Rocker foi muito respeitado, principalmente pelo alto grau de cultura que possuía. Muitos da colônia provinham do Centro Ferrer ou de Stelton, e a maioria era de judeus russos. A colônia, por diversas vezes, esteve envolvida com atividades culturais, cujo objetivo era a arrecadação de fundos para a Guerra Civil Espanhola. Rocker foi seu principal intelectual por 20 anos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Rocker apoiou os Aliados, causando uma ruptura com alguns de seus antigos companheiros. Apesar disso, continuou a ser um dos mais admirados anarquistas da época, desde Kropotkin e Malatesta.

Sua companheira falece em 1955 e, em 19

de setembro de 1958, Rocker falece nos Estados Unidos, dando fim ao experimento comunitário de Mohegan, última das importantes colônias anarquistas daquele país.

Rocker, como mencionado anteriormente, além de ser um ótimo orador, era um grande escritor e deixou escritos de raríssimo valor; desde pequenos artigos até grandes obras. Ainda quando estava nos Estados Unidos, chegou a colaborar com o jornal Ação Direta, dirigido na época por José Oiticica no Rio de Janeiro. De sua vasta obra publicada, vale destacar: *Johann Most: das Leben eines Rebellen* [Johann Most: a vida de um rebelde] de 1924, *Hinter Stasceldraht und Gitter* [Atrás de Arames Farpados e Grades], de 1925, *Anarcho-Syndicalism: theory and practice* [Anarco-Sindicalismo: teoria e prática], de 1938, *Las Corrientes Liberales en los Estados Unidos* [As Correntes Liberais nos Estados Unidos], de 1944, *La Segunda Guerra Mundial: interpretaciones y ensayos de un hombre libre* [A Segunda Guerra Mundial: interpretações e ensaios de um homem livre], de 1943, *Anarchism and Anarcho-Syndicalism* [Anarquismo e Anarco-Sindicalismo], de 1948, e *Nacionalismo y Cultura* [Nacionalismo e Cultura], de 1935-1937. O livro *Nacionalismo e Cultura* merece destaque: traduzido para sete idiomas até hoje, recebeu comentários como o de Bertrand Russel, que classificou a obra como “uma importante contribuição para a filosofia política” e, de Albert Einstein, que comentou que “o livro é extraordinariamente original e esclarecedor”. Há alguns artigos mais famosos que apareceram como parte de livros maiores, ou foram publicados independentemente, como

pequenos livros ou brochuras: *Der Bankerott des russischen Staatskommunismus* [A Falência do Comunismo de Estado Russo], publicado na França com o título de *Les Soviets Trahis par les Bolcheviks* [Os Sovietes Traídos Pelos Bolcheviques] em 1921, *Anarchismus und Organisation* [Anarquismo e Organização] de 1921, além de *O Sistema dos Sovietes ou a Ditadura do Proletariado?* de 1920, e *Anarquismo e Sovietismo*, de 1920, cujos nomes originais em alemão não foi possível localizar. Além disso, produziu biografias de Max Nettlau (1950), Bakunin (1902 e 1946), e a sua autobiografia *London Years* [Anos em Londres], de 1956. *A Tragédia da Espanha* é um livro de 1937 que, assim como outras de suas obras, também foi traduzido para várias línguas.

No Brasil, alguns escritos de Rocker foram traduzidos e publicados na primeira metade do século XX. Podemos citar *As Idéias Absolutistas no Socialismo*, publicado em 1946 em São Paulo e *A Insuficiência do Materialismo Histórico*, publicado em 1956 no Rio de Janeiro. Um outro artigo, “Marx e as Idéias Libertárias” também aparece em um livro chamado *Erros e Contradições do Marxismo*.

Considerando as publicações mais recentes e que podem ser encontradas nas editoras e distribuidoras libertárias, ou sem muito esforço em alguns sebos, podemos citar: “Marx e o Anarquismo” em *Os Anarquistas Julgam Marx e “O Sistema dos Sovietes ou a Ditadura do Proletariado” em Libertárias 1*, publicados pela editora Imaginário. Há também uma brochura, *A Ideologia do Anarquismo*, editada pela Faísca Publicações. No prelo, para publicação ainda em 2006 pela editora

Imaginário, temos Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques e o artigo “O Primeiro de Maio”, a ser publicado numa coletânea chamada Federalismo Libertário, pelo Instituto de Estudos Libertários.

* * *

Apesar de as relações capitalistas terem se modificado muito desde a Revolução de 1936, o que fica para hoje sobre ela são as lições aprendidas com o que lá aconteceu e a inspiração para as mobilizações sociais de hoje em dia. Se o sindicalismo anarquista foi protagonista na Espanha de 1936, hoje ele já não dá conta das demandas do socialismo preconizado por nós. No entanto, o sindicalismo não deixa de ser um terreno fecundo para as idéias do anarquismo, ao passo que os militantes podem ter contato com outros trabalhadores, articular-se, valorizar a organização e trazer à tona os velhos, mas não ultrapassados, elementos da ação direta, concebidos pelos sindicalistas revolucionários franceses e tão utilizados pelos revolucionários espanhóis.

Mesmo mergulhados em sua grande maioria naquilo que Malatesta chamou de “embriaguez sindicalista”, e estando praticamente todos burocratizados, os sindicatos aglutinam uma grande quantidade de trabalhadores que têm vigor para a luta e que não têm acesso às mobilizações alternativas e libertárias de hoje. Se discordamos hoje dos anarcosindicalistas de ontem por acreditarmos que a nova sociedade não necessariamente deverá estar sedimentada nos sindicatos, concordamos com eles sobre a necessidade da dissolução do modo de produção capitalista e o estabelecimento do comunismo libertário, tomando como elementos pedagógicos a ação direta e o apoio mútuo exer-

cidos nas ações do dia-a-dia. Além disso, acreditamos no estabelecimento de novas organizações pautadas na autogestão e relacionando-se por meio do federalismo.

Talvez a maior lição que o sindicalismo tenha nos deixado é que, apesar de desejarmos uma sociedade libertária – um objetivo de longo prazo –, não podemos deixar de participar das mobilizações de hoje, e que nos trazem ganhos de curto prazo. Se no sindicalismo isso significa a luta pelos aumentos salariais, contra a precarização do trabalho, etc., há outras possibilidades a serem vislumbradas: as lutas pelas ocupações urbanas e rurais, que questionam a propriedade – pilar central do capitalismo –, as mobilizações do movimento estudantil, as lutas hoje em voga na América Latina como o zapatismo e o magonismo, a organização de trabalhadores desempregados, outras lutas indígenas autônomas, movimentos pela democratização dos meios de comunicação, pela educação antiautoritária, dentre outras.

É assim que se deve continuar a tradição de libertários como Rocker e os combatentes da Revolução de 1936, cujas belas vidas de militância dão fôlego, vontade e ímpeto para a luta.

Julho de 2006

BIBLIOGRAFIA:

Avrich, Paul. Voces Anarquistas. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2004.

Bernal, Anastásio Ovejero. "Anarquismo Español y Educación". In: Revista Educação Libertária número 1. São Paulo: no prelo pela editora Imaginário.

Colombo, Maurice et alli. Revue Itinéraire: Rudolf Rocker. Paris, 1988.

Coughlin, Michael E. "Publisher's Additional Biography". In: Rocker, Rudolf. Nationalism and Culture. Minnessota: Michael E. Coughlin Publisher, 1978.

Font, José Costa. "Rudolf Rocker y el Anarcosindicalismo". In: Anarcosindicalismo: teoria y practica. Barcelona: Picazo, 1978.

Lewin, Roland. "Francisco Ferrer y Guardia". In: Sébastien Faure et la ruche. Yvan Davy, éditeur.

Llorens, Ignácio de. "Presentación". In: Rocker, Rudolf. La Responsabilidad del Proletariado Ante la Guerra. Móstoles: Madre Tierra, 1991.

Mintz, Frank. Anarquismo Social. São Paulo: Imaginário/Faísca/FARJ/CATL, 2006.

Rocker, Rudolf. The Anarchist Enciclopédia.
<http://recollectionbooks.com/bleed/gallery/galleryindex.htm>

Rocker, Rudolf. "Biography". In: Anarchy Archives.
http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/

Rodrigues, Edgar. "Rudolf Rocker". In: Pequeno Dicionário de Idéias Libertárias. Rio de Janeiro: CC&P, 1999.

Walter, Nicolas. "Introduction". In: Rocker, Rudolf. Anarchism and Anarcho-Syndicalism. Britain: Freedom Press, 1988.

(1)

O PAPEL DO CAPITAL ESTRANGEIRO

Dezenove de julho foi o aniversário do dia em que um grupo de aventureiros militaristas rebelou-se contra o regime republicano da Espanha e, com a ajuda de potências e tropas estrangeiras, afundaram o país em uma guerra sangrenta. Esta guerra sanguinária devorou aproximadamente um milhão de vidas, entre elas milhares de mulheres e crianças, e transformou grandes áreas do país em deserto. A completa tragédia desse drama sangrento está no fato de que não é uma guerra civil comum, mas uma luta, também, entre duas diferentes potências externas que está sendo travada hoje em solo espanhol. Duas frentes imperialistas hostis estão lutando pelos recursos naturais de um país e pela vantagem estratégica de sua costa. A continuidade dessa guerra está, além disso, tendo uma influência evidente na luta do povo espanhol por liberdade, e sua influência está hoje se manifestando constantemente de maneira mais clara através da luta visceral entre as forças revolucionárias e as forças contra-revolucionárias do país.

É difícil compreender o significado completo desses eventos a menos que se leve adequa-

damente em consideração a grande presença de capital estrangeiro investido na Espanha. Aqui está a chave para a atitude da Inglaterra e França e sua chamada "política de neutralidade", e ao mesmo tempo, a explicação do papel ambíguo que o governo da União Soviética tem desempenhado desde o começo nesta cruel tragédia do povo espanhol.

Um ponto de importância decisiva reside na relação entre a agricultura espanhola e as indústrias do país. No que diz respeito à propriedade da terra, o solo do país estava quase que exclusivamente nas mãos de proprietários espanhóis antes da revolução, apesar das condições serem bem diferentes em alguns pontos do país. Em muitas províncias, especialmente ao norte, pequenos proprietários de terra constituem uma maioria esmagadora; em outros, como por exemplo, em Levante e na Catalunha, a terra era trabalhada por pequenos agricultores arrendatários que não têm direito algum sobre ela; enquanto que em Andaluzia e Estramadura, toda a região pertence a um pequeno número de grandes proprietários, cuja produção dependia de mão-de-obra contratada.

Na indústria, entretanto, prevalece uma condição bem diferente. Enquanto pequenos comércios e indústrias estão concentrados principalmente nas mãos de espanhóis, as grandes indústrias e os empreendimentos comerciais mais importantes do país são, praticamente sem exceção, controladas por capital externo, principalmente o inglês.

Esse está extensivamente aplicado nas ricas minas de ferro dos arredores de Bilbao, mesmo onde elas estão nominalmente em posse de proprietários espanhóis. O distrito de Orconera, riquíssimo em ferro, está quase completamente

sob controle dos capitalistas ingleses; o mesmo é verdade para outras inúmeras jazidas de ferro, especialmente em Desirto. A maior parte das instalações portuárias de Bilbao pertence a capitalistas ingleses; igualmente, as ferrovias que escoam os minérios para a costa. Companhias de navegação inglesas completam a conexão entre a Inglaterra e as jazidas de ferro bascas¹. O ferro espanhol tem um papel fundamental no atual programa de rearmamento inglês. E é fato que, desde a eclosão da revolta fascista até a queda de Bilbao, o ferro foi exportado de lá exclusivamente para a Inglaterra.

Outro fator importante na mineração espanhola é a companhia inglesa Rio Tinto, que explora as minas mais ricas de cobre da Espanha, na província de Huelva. Sua sede, que movimenta um capital de £3.750.000, situa-se em Londres. Seu presidente é Sir Auckland C. Geddes. A companhia foi fundada em 1873 e a concessão feita pelo governo espanhol é ilimitada. Emitiu 450 mil em títulos e 350 mil em ações preferenciais, representando ao todo um milhão e trezentas mil libras esterlinas. A Companhia Rio Tinto também é dona de grandes reservas de enxofre e ferro. Das 540 mil toneladas de cobre que a Espanha produz em média todos os anos, sem dúvida a maior parte vem da jazida de Huelva. Em agosto de 1936, este distrito caiu nas mãos dos rebeldes; mas a junta de Burgos² prontamente assegurou-se de que a Companhia Rio Tinto, através de um decreto especial, não teria seus direitos infringidos e que o cobre que o exército fascista precisasse para propósitos militares seria comprado a preço de mercado.

Entre os proprietários da Companhia Rio Tinto nós encontramos a Casa de Rothschild, que

além dela, possui cotas em inúmeras outras grandes indústrias na Espanha, como, por exemplo, várias linhas ferroviárias, das quais a mais importante é a linha Madrid-Zaragoza. Mas a família Rothschild investe bastante, em especial, nas ricas minas de mercúrio de Almaden, na província de Ciudad Real, com a qual nada se compara no mundo inteiro. A Espanha é tida como a maior produtora mundial de mercúrio do mundo na atualidade, deixando a Itália em segundo lugar e os Estados Unidos em terceiro. Em 1934, a Espanha produziu 1.160 toneladas deste precioso material; a América produziu somente 532 toneladas. Mercúrio é um dos requisitos essenciais para a guerra. Assim, pode-se entender por que potências estrangeiras reservam tamanho interesse na Espanha.

O capital inglês também é acionista proeminente na indústria espanhola de alumínio e em toda série de empreendimentos industriais na construção de ferrovias e maquinário dentro da Espanha. A famosa firma de Vickers-Armstrong investe significativamente na Sociedad Española de Construcción Naval, na International Paint Company e na indústria bélica espanhola. A partir dessas considerações, qualquer um percebe por que a imprensa de Londres mostrou, desde o início, uma simpatia descarada pela aventura da camarilha militar espanhola.

Outro poderoso elemento na vida industrial na Espanha é a Société Minèrere et Métallurgique de Peñarroya (Companhia de Mineração e Metalurgia de Peñarroya), que tem sua sede em Paris e comanda um capital de 309.375.000 francos. A companhia foi fundada no ano de 1881, e sua concessão pelo governo espanhol se estende até

2003. Seu presidente chama-se Charles Emile Heurteau, conhecido como um dos principais homens do grupo capitalista Mirabaud e intimamente associado com a indústria bélica francesa. Seus gerentes são Frédéric Ledoux – acionista de uma longa lista de indústrias espanholas – e doutor Aufschlager – um dos mais conhecidos representantes da indústria bélica alemã. No quadro de diretores desta organização, são encontrados muitos figurões das finanças européias: Pierre Mirabaud, ex-gerente do Banco da França, barão Robert Rothschild, Charles Cahen, cunhado do barão Antony de Rothschild, Humbert de Wendel, diretor do Banque de l'Union Parisienne e da Companhia Internacional do Canal de Suez, o conde italiano Errico San Martino di Valperga, e dois espanhóis, conde Ramonones e Marquis Villamejor, que estão entre os homens mais ricos da Espanha.

A companhia tem o monopólio na operação de inúmeras minas e das indústrias conectadas a elas e está ligada, em particular, à indústria de chumbo espanhola. Seu nome adquiriu má reputação durante a Guerra Mundial³, quando se tornou conhecido através de uma interpelação na Câmara Francesa, de que todo o chumbo produzido em Peñarroya era reservado ao governo alemão, apesar dos membros mais proeminentes da Companhia serem bons patriotas franceses. Mas negócios são negócios.

Este é apenas um resumo de uma longa lista de investimentos do capital estrangeiro na Espanha. Existe muito mais. Assim, temos que a telefonia em Madrid está nas mãos de uma companhia americana, enquanto o sistema telefônico de Barcelona está sob controle de acionistas

britânicos. Mas levaria muito tempo para exaurir completamente este assunto tão importante. Estamos somente preocupados em mostrar que é necessário apresentar uma avaliação correta da influência do capital estrangeiro investido na Espanha, se alguém deseja obter uma visão clara dos eventos recentes naquele país.

É evidente por si só que os representantes do grande capital externo devem estar muito apreensivos em relação ao desenvolvimento político da situação na Espanha. E aqui está a resposta para a pergunta: quem está provendo os generais amotinados, que atuam sem recursos próprios, com os meios financeiros necessários para manter seu crime contra seu próprio povo? O senhor Juan March, o homem mais rico da Espanha, embora tenha contato íntimo com o capital externo, não é capaz de fazer isso sozinho. Todo mundo que estava informado sobre as condições internas na Espanha, sabia desde o início de onde o dinheiro vinha. Não havia segredo no fato de os administradores do capital externo investido na Espanha terem todo o interesse em apoiar a conspiração dos generais para acabar com o movimento revolucionário do país, que estava alastrando-se de forma cada vez mais vigorosa e que poderia colocar os seus monopólios espanhóis em perigo. É claro que não importava para estes homens quem governava a Espanha. Eles estavam interessados exclusivamente na segurança de seus fundos aplicados e estavam prontos a apoiar qualquer governo que fornecesse as garantias necessárias para seus propósitos.

Se os acontecimentos atuais na Espanha tivessem se manifestado antes da Guerra Mundial, o governo inglês certamente não teria hesitado,

nem por um instante, em apoiar abertamente as ações sanguinárias dos generais rebeldes, como eles freqüentemente costumavam fazer em casos similares com a finalidade de proteger o capital inglês na Espanha. Mas a Guerra Mundial, com as suas conseqüências políticas e econômicas inevitáveis, havia criado uma nova situação na Europa, que foi muito intensificada pela vitória do fascismo na Alemanha e na Itália. A vitória do fascismo não trouxe consigo apenas o estabelecimento da militarização desses países, também foi o sinal para o surgimento de antigas ambições imperialistas, cujos defensores estavam constantemente procurando por novas fontes de ajuda para possibilitá-los a expandir seu novo sistema dentro e fora de seu território, e superar qualquer oposição da Inglaterra e França. E as novas forças eram imprevisíveis, uma vez que estes países não davam a mínima para as fórmulas prescritas da antiga diplomacia e muito menos para os tratados formais, afundando-se em quaisquer meios que promettessem o resultado desejado.

Era natural, portanto, que as enormes riquezas da Espanha em ferro, cobre, zinco, mercúrio, enxofre, magnésio e outros minerais valiosos deveriam estimular muito a cobiça dos Estados fascistas. Não era segredo que a Inglaterra ainda não estava suficientemente preparada para uma nova guerra e que dificilmente a França poderia iniciá-la sem seu apoio militar, então Hitler e Mussolini jogavam com seus maiores trunfos numa tentativa de tirar o maior proveito possível da situação.

